

domingos, as quais fizeram alguns trabalhos dignos de nota.

Nesta época, a *Associação* começou a ser mal vista pela classe patronal chegando alguns patrões a despedir seus empregados só pelo fato de pertencerem a associação dos empregados. Por essa razão começaram a aparecer os atos de sabotagem contra os patrões, aparecendo de quando em quando algumas portas pixadas, o que motivou a polícia a intervir querendo tomar parte nas assembleias, o que motivou grandes protestos da parte dos mais conscientes, trazendo como resultado um conflito no qual foi baleado um nosso companheiro que veio a falecer 3 meses depois (...). Em vista do ocorrido, a *Associação* principiou outra vez a decair a ponto de ficar com um número de sócios incapaz de a sustentar, resolvendo estes (...) guardar o que pertencia a *Associação* e acabar com ela temporariamente.

Tomada esta resolução em setembro de 1910, alguns barbeiros se uniram a *União dos Empregados no Comércio* e com eles trabalharam para conseguir o fechamento das portas às 7 horas da noite, isto é, para conseguir as 12 horas de trabalho. A 14 de janeiro de 1912 um grupo de barbeiros anunciou uma assembleia de empregados, comparando regular número de companheiros, ficando nesse dia resolvido a nova organização da sociedade sendo logo nomeada uma comissão que devia tomar a seus ombros a organização da mesma. Essa comissão ficou composta dos seguintes camaradas: João Macedo da Costa Cabral, Custódio Paes e José Pinto Cardoso, que imediatamente trataram de reformar os estatutos (...). Após a reforma dos estatutos principiou a luta direta pela conquista das 12 horas de trabalho até que a 4 de janeiro de 1914 foi dada uma grande assembleia em regozijo pela vitória alcançada.

Em 1915 foi mudado o nome da *Associação dos Officiaes Barbeiros para União dos Officiaes Barbeiros (UOB)* e assim continuou a sua marcha lenta até que em 1917 uma comissão de proprietários conseguiu do Conselho Municipal o funcionamento das barbearias aos feriados (...). Nesta fase os barbeiros se portaram a altura de homens dignos não deixando perder o que tanto lhes custou a conquistar.

Assim é que deram uma assembleia no dia 1º do ano de 1918 resolvendo que durante todo o ano ninguém se apresentasse ao trabalho nos dias feriados,

o que foi feito e cumprido fielmente até que os proprietários desanimaram, conseguindo nós no ano seguinte que o Conselho desfizesse o que tinha feito. Daí para cá mais nada se deu digno de nota a não ser a decretação da greve geral em 30 de julho de 1919 da qual mais adiante vos falarei.

Média de sócios – O número de sócios oscilou sempre entre 200 e 300 sendo que nas vésperas da greve atingiu 960, número máximo que conhecemos na história da nossa associação, e a média dos barbeiros em todo o Distrito Federal é calculado em 6.000, sendo que os sócios quites têm regulado entre 100 e 150.

Ordenados – A média dos ordenados tem regulado há 12 anos entre 120\$000 e 200\$000 (réis), sendo que poucas casas pagam esta última quantia. [4]

Necessidades da classe – Os barbeiros têm necessidade de ganhar o mínimo de 200\$000, devido à natureza de seu ofício em que são obrigados a andar bem vestidos e bem calçados, sendo este ordenado mínimo que pedimos na última greve. (...)

Greves – A UOB tem tido diversas agitações sendo que só uma vez decretou a greve geral, e isso em 30 de julho de 1919 [5], perdendo a greve por falta de solidariedade da classe. Nesta greve a *União* exigia dos proprietários, 1º) abolição da gorjeta, 2º) ordenado de 300\$000 para as casas de primeira ordem, 250\$000 para as de 2ª e 200\$000 para as de 3ª e mais 20,15 e 10 por cento respectivamente de acordo com a categoria da casa. 3º) abolição do trabalho de limpeza, como sejam lavar a casa, escarradeiras etc. 4º) Oito horas de trabalho, exceto aos sábados em que trabalhariam 12 horas, disto nada se conseguiu a não ser a melhoria de ordenados em algumas casas, mas isto por vontade própria dos patrões.

Tendências ou Finalidades – A *União* atualmente como está organizada tende a caminhar para um caminho mais amplo e seguro, que é o verdadeiro caminho de todo trabalhador consciente do seu eu. A UOB já não se preocupa com a questão monetária, mas sim, com a questão social para qual devem todos olhar com firmeza de caráter, pois estamos no princípio do fim, isto é, não se podendo mais remediar o mal que aflige os trabalhadores na sociedade atual, só a revolução nos poderá trazer melhores dias acabando de uma vez para sempre com a exploração do homem sobre o homem. A todos os

delegados, a UOB vos saúda e vos incita a coragem para morrer ou vencer. *A Comissão.*”

Nos anos seguintes, a classe dos barbeiros e sua entidade sindical veem a disputa entre anarquistas e bolchevistas enfraquecer ainda mais a organização da categoria. Os militantes eram poucos e, agora, novamente divididos. Durante o ano de 1923, a entidade alterou sua denominação para *Alliança dos Officiaes Barbeiros (AOB)* [6] e, quando da refundação da *Federação Operária do Rio de Janeiro* em agosto desse ano, esteve ausente.

No final desse ano, a AOB aceita participar da Conferência dos Representantes das Associações de Classe, convocada pela *Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro*, hegemônica pelos comunistas, e pela *Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira*, que agrupava sindicatos amarelos. A hegemonia dos sindicalistas anarquistas na entidade de classe estava terminada, mas a luta da categoria por melhores condições de trabalho continuaria.

Renato Ramos

Notas

[1] Rodrigues, E. 1972. *Nacionalismo e Cultura Social (1913-1922)*. Ed. Laemmert, Rio de Janeiro. p. 308.

[2] Os barbeiros conscientes combatiam a gorjeta, pois esta prática era o argumento que os patrões utilizavam para manter os salários baixíssimos.

[3] Atualmente a Câmara dos Vereadores.

[4] Em junho de 1923, o sindicalista Antônio Pacato em mensagem à categoria publicada na *Secção Trabalhista* do jornal *A Pátria* (20/06/1923), reclamava da média salarial entre 120\$00 e 180\$00/mês. Ou seja, a média salarial da categoria manteve-se inalterada por pelo menos 15 anos. Pacato reivindicava “salários mínimos de 250 a 300\$00 e máximos de 350 a 400\$00” e concluía afirmando que “Com esses salários não precisamos de gorjeta!”.

[5] Ver o artigo “Um Salão chamado Liberdade” de Milton Lopes (emecê no 10, novembro de 2008). Entre 1919 e 1921 barbeiros anarquistas, entre estes Amílcar dos Santos, organizaram um salão autogestionado, que funcionou na atual Rua República do Líbano, 41 (Centro).

[6] No dia 5 de fevereiro deste ano, a AOB mudou sua sede para a Rua Visconde do Rio Branco, 53-sobrado.

